

***Babel* de Alejandro González Iñárritu (2006)**

**Cine Clube, 3 de Fevereiro 2015
Biblioteca da FCT/UNL**

“Em torno do filme *Babel*: uma partitura do mundo”

Christopher Damien Aurretta

Reference to the Tower of Babel occurs in **Genesis 11:19**:

History of the Tower

“The descendants of Noah had migrated from the "east" (Armenia) first southward, along the course of the Tigris, then westward across the Tigris into "a plain in the land of Sennar". As their growing number forced them to live in localities more and more distant from their patriarchal homes, "they said: Come, let us make a city and a tower, the top whereof may reach to heaven; and let us make our name famous before we be scattered abroad into all lands." The work was soon fairly under way; "and they had brick instead of stones, and slime (asphalt) instead of mortar." But God confounded their tongue, so that they did not understand one another's speech, and thus scattered them from that place into all lands, and they ceased to build the city.” (In: *The Catholic Dictionary New Advent*: <<http://www.newadvent.org/cathen/15005b.htm>>)

Ainda sobre o símbolo inesgotável da Torre de Babel e do *babélico*:

“[O]s construtores de Babel foram punidos com um presente em que as formas incontáveis da fala tornaram a própria palavra uma causa de divisão, distinção e segregação. No entanto, esta noção curiosa de que uma língua comum preserva ao passo que uma multiplicidade de línguas destrói o tecido social talvez possa ser interpretada como algo diverso de uma mera penalização: menos uma rejeição de outras línguas do que uma consciência da importância de descobrir um meio comum de comunicação, de compreender o que o outro diz e de nos fazermos entender – consequentemente, do valor precioso da arte de traduzir a experiência em palavras”. (In: Alberto Manguel, *A cidade das palavras*, trad. Maria de Fátima Carmo, Lisboa: Gradiva, 2001, p. 61.)

O visionamento de um filme não se assemelhará à tradução do simulacro em narrativa vizinha do subjectivo, num «eu mesmo» longínquo, em distância íntima, i.e., um Ver que é uma mediação de nós mesmos? Uma hermenêutica do Mesmo/Outro que constitui cada um de nós? E o evento pedagógico não se assemelhará igualmente a uma espécie de arte de traduzir no meio do *babélico* deste mundo que nos alberga e que procuramos amar ao testemunhar ao mesmo tempo a chaga aberta que também é? O ecrã não será lugar de projecção de imagens, bem como um espelho, ou uma segunda pele, ou uma segunda retina onde se realiza a dialéctica de olhares que constitui o campo densamente mediatizado do evento cinematográfico?

O filme *Babel* (2006), do realizador mexicano Alejandro González Iñárritu, realça vários aspectos do impacte da globalização sobre a vida contemporânea. Para começar, a história narrada fragmenta-se em vários pontos geográficos: México, Japão, Estados Unidos da América e Marrocos. A vida rural e a vida urbana são também retratadas: Tazarine (uma aldeia em Marrocos), Tóquio (megacidade e capital do Japão), uma aldeia no deserto nortenho do México, e os subúrbios da cidade de São Diego na Califórnia. Mas os fragmentos reúnem-se de modo inesperado: um simples acto perpetrado por um par de crianças, inconscientes das consequências desse mesmo acto, desencadeia uma série de acontecimentos que, por sua vez, têm um impacte profundo sobre a vida (e morte) de várias personagens. Ficou-me na memória, na mudez dolorosa da jovem japonesa, uma sensação de solidão inultrapassável num vasto mar de gente; ficou na memória o desenlace trágico relativamente às duas crianças em Marrocos; e, uma sensação de profunda injustiça em redor da personagem "Amelia", a senhora mexicana que trabalha há dezasseis anos, clandestinamente, nos E.U.A. Haverá aspectos de globalização aqui? Sim. E talvez mais: o entrecruzamento cada vez mais intenso das nossas vidas no planeta não garante o fim da injustiça, nem proporciona o remédio para a solidão e o desespero.

ENTRECruzamentos: Em torno da geografia interna do ser humano e dos labirintos da identidade. A Torre de Babel na mira da geopolítica, interesses hegemónicos e interpretação ideológica:

In: Amos Oz, “Da natureza do fanatismo” (*Contra o fanatismo*, trad. Henrique Tavares e Castro, Porto: ASA, 2007):

- Comecei por dizer que o fanatismo muitas vezes começa em casa. Quero terminar dizendo que o antídoto também se pode encontrar em casa, praticamente na ponta dos nossos dedos. Nenhum homem é uma ilha, disse John Donne, mas atrevo-me humildemente a acrescentar: nenhum homem e nenhuma mulher é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, com uma metade unida à terra firme e a outra a olhar para o oceano – uma metade ligada à família, aos amigos, à cultura, à tradição, ao país, à nação, ao sexo e à linguagem e a muitas outras coisas, e a outra metade a desejar que a deixem sozinha a contemplar o oceano. Penso que nos deviam deixar continuar a ser penínsulas. Todo o sistema político e social que converte cada um de nós numa ilha donneana e o resto da humanidade em inimigo ou rival é uma monstruosidade. Mas ao mesmo tempo, todo o sistema ideológico, político e social que apenas nos quer transformar em moléculas do continente, também é uma monstruosidade.

A condição de península é a própria condição humana. É o que somos e o que merecemos continuar a ser. De modo que, em certo sentido, em cada casa, em cada família, em cada condição humana, em cada relação humana, temos de facto uma relação entre um certo número de penínsulas, e será melhor que nos lembremos disso antes de nos tentarmos modelar uns aos outros, de virarmos as costas uns aos outros e de tentarmos que quem está ao nosso lado se torne igual a nós, enquanto que o que ele ou ela necessitam é de contemplar o oceano durante algum tempo. (pp. 33-34)

In: Amartya Sen, *Identidade e Violência, A ilusão do destino* (trad. Maria José de la Fuente, Lisboa: Tinta-da-China, 2007):

- Elogiar uma suposta insularidade ocidental não faz justiça ao modo como o saber e o pensamento tendem a progredir no mundo, apoiando-se nos desenvolvimentos de diferentes regiões. Ideias e conhecimento cultivados no Ocidente têm, em séculos recentes, mudado drasticamente o mundo contemporâneo, mas seria difícil considerá-los uma concepção ocidental imaculada.
- A divisão civilizacional do mundo revela-se extremamente precária devido a, pelo menos, duas razões distintas. Primeiro, existe um problema metodológico básico no pressuposto de que a divisão civilizacional é a única relevante e que ela aniquila necessariamente – ou neutraliza – outras formas de identificar as pessoas. É de lamentar, embora não surpreenda, que os investigadores de confrontos globais ou de formas sectárias de violência local tentem impor uma identidade única e fracturante a pessoas que assim se tornam nos soldados rasos da brutalidade política; mas é ainda mais triste que esta visão autista seja significativamente reforçada pelo apoio implícito que os guerreiros fundamentalistas antiocidentais recebem de teorias criadas nos países do Ocidente acerca da categorização com base num critério único.
- A segunda objecção à ideia de divisão civilizacional que esta abordagem supõe consiste numa imprecisão descritiva e numa inocência histórica extraordinárias. Muitas das diversidades mais relevantes dentro de cada civilização são, de facto, ignoradas, e as suas interacções são substancialmente desprezadas.
- Estas duas falhas são responsáveis pela extraordinária pobreza com que se analisam as diferentes civilizações e as semelhanças, ligações e interdependência que as unem nos domínios da ciência, da tecnologia, da matemática, da literatura, do comércio e das ideias políticas, económicas e sociais. A percepção nebulosa da história global resulta numa visão particularmente limitada de cada cultura e numa leitura de cariz estranhamente paroquial da civilização ocidental. (pp. 91-92)

PALAVRAS VIAJANTES:

O filme em estudo possui uma estrutura narrativa múltipla (i.e., patenteia a vida íntima de quatro famílias, numa sequenciação dramática não linear). São, contudo, quatro fios condutores que formam um tecido único. Por um lado, o filme sublinha a diversidade geográfica, linguística e cultural das quatro famílias; por outro lado, o filme revela a proximidade inesperada destas mesmas quatro famílias. Num mundo globalizante, há um encurtamento do espaço físico, permitindo esta aproximação (turismo, estruturas financeiras internacionais, questões políticas que envolvem e transformam a natureza da soberania dos Estados, etc.). Esta aproximação não é sem a sua problemática: a aproximação dos seres (por via das tecnologias IT, por via de toda a complexa rede de novas relações possíveis devido aos processos de globalização, etc.) não garante nem promove automaticamente uma comunicação e uma compreensão imediatas entre os seres. A comunicação e a compreensão entre os seres humanos (todos dotados de uma história, uma memória cultural, valores diversos) precisam de ser cultivadas: conhecer o Outro exige, primeiro que tudo, um acto de disponibilidade, um acto de escuta e um desejo de diálogo.

ESBOÇO DE UMA REFLEXÃO EM TORNO DAS CENAS 21-24 DO FILME *BABEL*:

“Entre a abundância de coincidências (o entrecruzamento intensificado de relações humanas no espaço e no tempo) e a penúria de comunicação (entre os membros da comunidade humana): em busca de uma ética para o mundo globalizante”

1. **Perto do final do filme, após o estabelecimento pelo realizador da estrutura quadridimensional da história (quatro famílias, quatro países, quatro línguas), a personagem “Amélia” encontra-se deportada, as crianças de Susan e**

Richard regressam a casa (um regresso não visto mas implícito), um dos dois irmãos marroquinos morre às mãos da polícia daquele país, Susan recupera após uma intervenção cirúrgica de última hora (o casal americano vê-se no noticiário japonês), e Chieko, a jovem surda e muda japonesa, e o seu pai vivem um momento de silenciosa compreensão no terraço da torre habitacional onde moram no centro da megacidade que é o Tóquio actual. A partir destas cenas, resumidas sucintamente aqui, restam mais dúvidas do que certezas. Por exemplo, embora o filme demonstre a proximidade destas quatro famílias em termos de um destino inesperadamente partilhado, acentua vazios de comunicação, incompreensão e um estado geral de incomunicação. Será que a etimologia do vocábulo *Babel* nos indicará caminhos de leitura do filme e da sua temática? Será que a globalização vislumbrada pelo filme em questão propõe uma Torre nova? Que tipo de Torre? Que tipo de ecologia pedagógica, deveras sustentável, deverá haver para que tal Torre chegue a realizar-se? (...)

2. Autores que poderão esclarecer aspectos diversos deste estado de incompreensão num mundo de franca intensificação dos meios de comunicação são, por exemplo, Amartya Sen, Anthony Giddens e Peter Singer, que assinalam os desafios e os obstáculos à construção de uma comunidade global deveras justa. Haverá uma ética que consiga superar os vazios de comunicação que impedem o entendimento entre o íntimo das pessoas e o comum das suas aspirações? (...)
3. Por último, o filme *Babel* pode constituir um pólo de reflexão muito fecundo. Revela igualmente o papel mediador da arte no que respeita a esta Torre problemática. José Saramago, Harold Pinter, et al. exemplificam a capacidade do artista comunicar, por um lado, a multiplicidade das línguas do mundo e, por outro, os efeitos redutores ou ideológicos da linguagem política (veja-se, por exemplo, o texto da Lição Nobel de Paz de Barack Obama), i.e., a necessidade de ultrapassar a surdez vigente no interior da comunidade humana. O filme *Babel*, à semelhança do mito bíblico patente no livro do Génesis, relata um mal-estar, uma liberdade problemática, uma ética frustre amíde operantes no cerne das relações humanas, especialmente quando essas relações se associam a questões de poder, domínio e controlo. Contudo, ao contrário da narrativa bíblica, o filme proporciona imagens de consolo, por momentâneo que este seja, e de solidariedade. (...)

ENTRECRUZAMENTOS: Um conjunto de excertos de Grahame Thompson e Zygmunt Bauman. Em torno do fundamentalismo como alicerce instável da nossa Torre de Babel (que exige hoje em dia o aprofundar de processos autenticamente democráticos). No interior do pós-moderno: conceitos e aporias.

In: Grahame Thompson: "What is Fundamentalism?," in Grahame Thompson, *Open Democracy*: http://www.opendemocracy.net/faith-europe_islam/fundamentalism_3339.jsp:

Primeiro Excerto:

"Each fundamentalism inhabits its own universe. What does this consist of? One way to answer is to note that at some level fundamentalisms – especially the religious variety – are fascinating to those who do not share them precisely because of their certitudes. Fundamentalists are absolutely certain about their beliefs and destinies. 'We', the rest of us, cannot quite grasp or achieve this level of certitude or of self-meaning or self-belief, though many of us might dearly like to do so. Thus fundamentalists have achieved things that are always just beyond the grasp of those (self-)excluded from their system of belief."

Segundo Excerto:

"In this respect fundamentalists trade on a very modern syndrome. This can be termed "meaning-deficit disorder". This we all experience, and suffer from. For most of us 'life' is so complicated and things so difficult to fully grasp that we give up in 'despair' about making complete sense of it all. In addition, this syndrome arises from the basic uncertainties and risks that are pervasive throughout the modern experience, what Ulrich Beck sums up rather crudely under the rubric of 'risk society'.

On each count, meaning and uncertainty, fundamentalists 'cure' this disorder. They neither lack understanding nor remain uncertain. Thus fundamentalists represent an idealised, even purified, version of ourselves. Indeed, in some ways they are *more* like ourselves than we are, since they have the certitudes that we lack but continue to desire and pursue. This is why at some level, everyone is a potential fundamentalist."

CONCEITOS E TERMINOLOGIA:

"What divides us, are not so much differences as similarities, but it can be more difficult to acknowledge sameness than to recognise difference."

"Pluriverse"

"Cosmoses"

"idealistic global cosmopolitanism (whether secular or religious) and the tendency towards interventionist repression"

"De-territorialized"

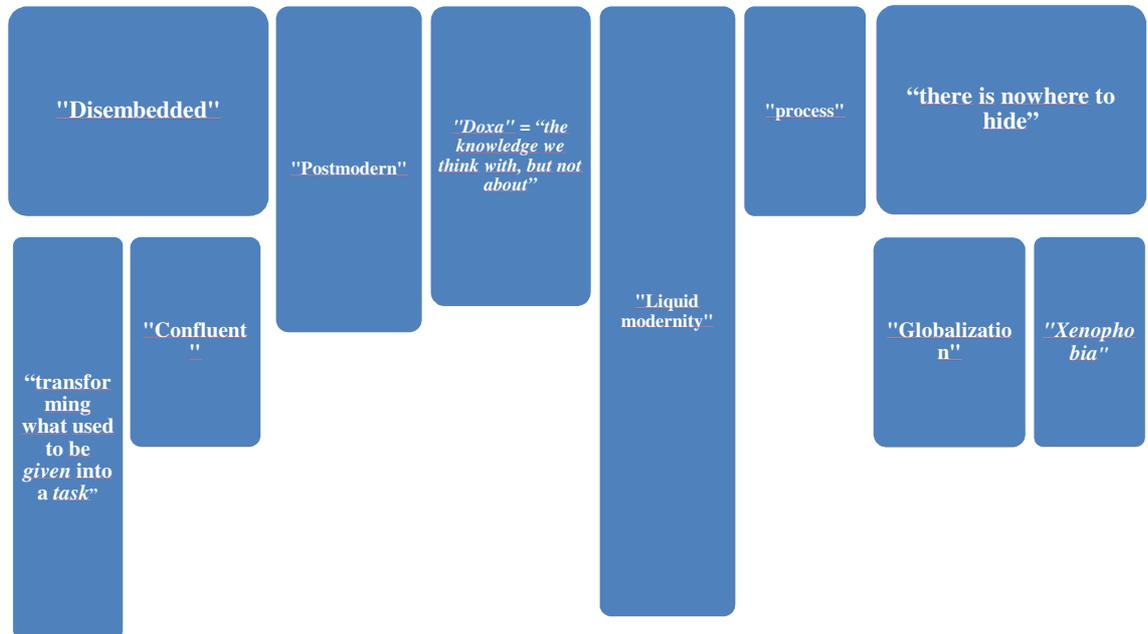
In: Zygmunt Bauman: <<http://www.eurozine.com/articles/2002-11-08-bauman-en.html>> (entrevista)

Vários excertos:

- "What is truly a novel feature of the social world and makes it sensible to call the current kind of modernity 'liquid' in opposition to the other, earlier forms of the modern world, is the continuous and irreparable fluidity of things which modernity in its initial shape was bent, on the contrary, on solidifying and fixing."
- "All modernity means incessant, obsessive modernization (there is no *state* of modernity, only a *process*; modernity would cease being modernity the moment that the process ground to a halt; and all modernization consists in 'disembedding', 'disencumbering', 'melting the solids,' etc."
- "modernity deprived the web of human relationships of its past"
- "We are all affected in one way or another by what is happening in that 'frontier-land', and in this sense 'globalization' is our fate – quite real, painfully genuine reality which cannot be wished away. Though it does not mean that there is anything like 'global society' (let alone global community), global law, global politics, global ethics or global culture. They are all imperatives of our times..."

A propósito da entrevista a Zygmunt Bauman: um léxico para um mundo globalizante, ou, uma linguagem conceptual para um mundo babélico:

“A postmodern grid of the worldmap?” Interview with Zygmunt Bauman: <http://www.eurozine.com/articles/2002-11-08-bauman-en.html>: alguma terminologia empregue pelo sociólogo nesta entrevista



PALAVRAS VIAJANTES: E se o “babélico” fosse um convite, um enriquecimento, um novo horizonte de questionamento e de compromisso, um estádio promissor, não a condição de condenados?

PALAVRAS VIAJANTES:

- Ler e escutar o **mitema**, ou núcleo semântico de uma narrativa (ou ainda, **replicator** cultural, ou **constante memética**, segundo o pensamento de Richard Dawkins, et al.) patente na narrativa relativa à Torre de Babel, (Gênesis 11: 1-9), em português: <<http://www.omniglot.com/babel/portuguese.htm>>
- Ler e escutar: A Torre de Babel, (Gênesis 11: 1-9), em árabe: <<http://www.omniglot.com/babel/arabic.htm>>
- Ler o texto: A Torre de Babel, (Gênesis 11: 1-9), em japonês: <<http://www.omniglot.com/babel/japanese.htm>>
- Ler o texto: A Torre de Babel, (Gênesis 11: 1-9), em espanhol: <<http://www.omniglot.com/babel/spanish.htm>>
- Ler o texto: A Torre de Babel, (Gênesis 11: 1-9), em inglês: <<http://www.omniglot.com/babel/english.htm>>

<p>Alguns portais em torno do realizador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.imdb.com/name/nm0327944/ • http://pt.wikipedia.org/wiki/Alejandro_Gonz%C3%A1lez_I%C3%B1%C3%A9rritu • http://www.bfi.org.uk/live/video/516 (masterclass com Iñárritu, British Film Institute) 	<p>Alguns portais em torno do filme:</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.imdb.com/title/tt0449467/ • http://en.wikipedia.org/wiki/Babel_(film) • http://www.fm-media.net/news02/1473.htm • http://pasmosfiltrados.blogspot.pt/2006/12/babel-de-alejandro-gonzalez-irritu.html • http://www.gaveteiro.com/posts-sobre-cinema/criticas-e-materias-de-filmes/critica-babel-de-alejandro-gonzalez-inarritu/ • http://worldfilm.about.com/od/independentfilm/fr/Babel.htm • http://omelete.uol.com.br/cinema/omelete-entrevista-alejandro-gonzalez-inarritu-diretor-de-babel/ • http://www.opendemocracy.net/arts-Film/babel_4255.jsp • http://uk.movies.ign.com/articles/742/742071p1.html
---	---